

OS PROCESSOS MENTAIS EM GRANDE SERTÃO: VEREDAS - UMA ANÁLISE DESCRITIVA SOB A ÓTICA DA LINGUÍSTICA DE CORPUS E SISTÊMICO-FUNCIONAL

THE MENTAL PROCESSES IN “GRANDE SERTÃO: VEREDAS” - A DESCRIPTIVE ANALYSIS FROM THE PERSPECTIVE OF CORPUS LINGUISTICS AND SYSTEMIC-FUNCTIONAL LINGUISTICS

Ariel Novodvorski¹
Doutor em Estudos Linguísticos
Universidade Federal de Uberlândia
(arivorski@gmail.com)

Ana Paula Corrêa Pimenta²
Mestre em Estudos da Linguagem
Universidade Federal de Uberlândia
(anapaula.apcp@hotmail.com)

RESUMO: Este artigo propõe uma análise descritiva dos processos mentais mais recorrentes na obra **Grande Sertão: Veredas** (1994) de João Guimarães Rosa, com base nos pressupostos da Linguística de *Corpus* e Sistêmico-Funcional. Para tanto, fundamentou-se teoricamente em Perini (2008) para a discussão acerca da Gramática descritiva; em Halliday e Matthiessen (2014) sobre a Gramática sistêmico-Funcional; e em Berber Sardinha (2004, 2009) a respeito da Linguística de *Corpus*. Os procedimentos da análise envolvem não só um estudo do estrato léxico-gramatical dos itens em questão, como também do estrato semântico, o que propicia uma compreensão mais abrangente dos fenômenos estudados. Os resultados deste estudo ressaltam a importância de se considerar os elementos linguísticos como parte preponderante da história e da cultura de um povo, bem como a relevância de se evidenciar a considerável contribuição que a Linguística de *Corpus* tem trazido para os estudos linguísticos (especialmente, com *corpus* literário) no Brasil.

Palavras-chave: Processos mentais. Grande Sertão Veredas. Estudos descritivos. Linguística Sistêmico-funcional. Linguística de Corpus.

ABSTRACT: This article aims a descriptive analysis of the mental processes more recurrent in **Grande Sertão: Veredas** work (1994) by João Guimarães Rosa, based on premises in Corpus Linguistics and Systemic-functional. Therefore, it was theoretically based on Perini (2008) aiming to discuss about descriptive Grammar; in Halliday and Matthiessen (2014) on the systemic-functional Grammar; and Berber Sardinha (2004, 2009) about the Corpus Linguistics. The analysis procedures involve not only a study of lexical-grammatical stratum of studied itens, but also semantic stratum, which provides more comprehensive understanding of the analysed phenomena. The issues of this paper emphasize the importance of considering the linguistics elements as most influence part of the history and culture of a people, as well as the relevance to substantiate the great contribution that Corpus Linguistics has had to the linguistic studies (especially, literary *corpus*) in Brazil.

¹ Orientador da tese de Doutorado e coautor deste trabalho. Professor Adjunto no Curso de Graduação em Letras e do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL) do Instituto de Letras e Linguística (ILEEL) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

² Doutoranda em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e professora de Língua Portuguesa e Linguística na Universidade Federal de Goiás - Regional Catalão.

Keywords: Mental processes. Grande Sertão Veredas. Descriptive studies. Systemic-functional Linguistic. Corpus Linguistics.

Introdução

Há de se considerar que o rápido crescimento das pesquisas baseadas em *corpus*, desde a década de 1990, tem influenciado de maneira significativa os estudos linguísticos, trazendo grandes contribuições em diversas áreas, principalmente nas áreas da Linguística Aplicada como: Ensino de Línguas, Tradução, Análise do Discurso e Lexicografia. Neste trabalho, buscou-se apresentar uma pequena demonstração da grande contribuição que a Linguística de *Corpus* tem trazido para análises linguísticas com *corpus* literário no Brasil.

Propôs-se realizar, neste estudo, uma análise léxico-gramatical e semântica dos processos mentais mais recorrentes em **Grande Sertão: Veredas** (1994)³ de Guimarães Rosa, considerando as relações estabelecidas entre a Linguística Sistemico-Funcional e a Linguística de *Corpus*. Convém salientar que, devido a grande quantidade de processos mentais existentes no *corpus* e por se tratar de um artigo científico, foi necessário fazer uma seleção: buscou-se analisar duas construções (diáteses) de cada processo mental mais recorrente, ou seja, duas construções do Ver – Processo mental Perceptivo; do Querer – Processo Mental desiderativo; do Saber- Processo mental cognitivo; e do Gostar – Processo mental emotivo. Para tal, aplicaram-se as ferramentas do Programa *WordSmith Tools*®, versão 6,0 (SCOTT, 2012) para a seleção, descrição e análise dos itens em questão, o que propiciou um estudo mais completo do *corpus*: além desses processos, foi possível ainda identificar os participantes e as circunstâncias.

A escolha dessa obra como *corpus* de análise deu-se por sua relevância na literatura brasileira e por sua riqueza linguística, já que Guimarães procurou fixar no plano literário a geografia física e humana do seu estado natal, isto é, a vida rural no interior de Minas Gerais, demonstrando os aspectos históricos, políticos, socioculturais e, especialmente, linguísticos. Portanto, pode-se afirmar que o repertório lexical do *corpus* está assentado nos interesses da pesquisa, pois oferece profuso vocabulário com termos e expressões arraigadas de sentimentos, desejos, e emoções vivenciadas não só pelo autor, ora narrador, como também pelos

³ Utilizou-se a edição de 1994 da obra **Grande Sertão: Veredas**, publicada primeiramente em 1956.

personagens, sertanejos oprimidos pela seca, pela rusticidade e precariedade do sertão.

Desse modo, com base nos estudos de Perini (2008), Halliday e Matthiessen (2014) e Berber Sardinha (2004, 2009), os procedimentos da análise envolvem não só um estudo do estrato léxico-gramatical dos itens em questão, como também do estrato semântico, o que propicia uma compreensão mais abrangente dos fenômenos estudados.

Até o momento não se tem conhecimento de que há trabalhos voltados para a análise dos processos mentais em Grande Sertão: Veredas. Portanto, espera-se que este trabalho possa proporcionar uma significativa contribuição para os estudos linguísticos e, ainda, servir como subsídio para pesquisas posteriores.

Fundamentação teórica

Para que se possa dar um tratamento adequado ao exame dos dados e fundamentar as discussões e os resultados alcançados, é necessário lançar mão de teorias que envolvam questões linguísticas de ordem léxico-gramatical e semântica. Por essa razão, buscou-se fundamentar teoricamente dentro dos princípios e possíveis aplicações da Linguística de *Corpus* e Sistêmico-Funcional, a saber: a Gramática descritiva de Perini (2008), a Gramática Sistêmico-Funcional de Halliday e Matthiessen (2014) e a Linguística de *Corpus* de Berber Sardinha (2004, 2009).

No que se refere à Gramática Descritiva proposta por Perini, célebre estudioso da língua portuguesa falada no Brasil e autor de várias obras importantes para o estudo e análises linguísticas, dentre as principais: **Para uma nova Gramática do Português** (1885); **Gramática Descritiva do Português** (1995); **Princípios de Linguística Descritiva** (2006); **Estudos de Gramática Descritiva: as valências verbais** (2008); **Gramática do Português brasileiro** (2010); pode-se inferir que o autor propõe uma nova gramática centrada na análise descritiva de uma língua, levando em consideração os aspectos linguísticos diretamente observáveis em uma língua, ou seja, os traços formais (fatos de forma) e semânticos (fatos de significado), contudo, sem deixar de reconhecer a importância de fatores ligados ao contexto. Nas palavras do autor:

[...] dois tipos de unidades são 'dados' da análise linguística: formas fonológicas (mais precisamente, fonéticas) e conceitos. Tudo o mais

são resultados da própria análise e, por conseguinte, unidades hipotéticas, sujeitas a justificação e questionamento. [...] Como sabemos, os fatos são de natureza formal, semântica ou simbólica – esses são os três aspectos diretamente observáveis da língua (deixo de mencionar outros fatores igualmente importantes, ligados ao contexto linguístico ou situacional porque têm a ver com o uso da língua, mas não com sua estrutura enquanto código) (PERINI, 2008, p. 31, 72).

Perini (2008) enfatiza que para se realizar uma análise descritiva de qualquer língua, deve-se estabelecer relações entre os traços de forma e os traços de significados, assim como entre o léxico e a gramática. Quer isto dizer que qualquer análise que deixe de lado a observação desses fatos é, segundo o autor, inadequada ou, pelo menos, incompleta.

Além disso, é preciso levar em conta que cada item lexical se classifica em função dos traços que possui, ou seja, cada unidade se caracteriza pelas funções que ela pode ocupar na sentença, como observa Perini (2008, p. 93): “as funções se definem no contexto em que ocorrem, mas as classes se definem fora de contexto”. Assim, qualquer descrição gramatical utiliza um sistema de categorizações, “em geral na forma de classes de palavras e de sintagmas”.

Outro aspecto importante a ser considerado em uma análise linguística é a posição teórica do pesquisador. De acordo com Perini (2008), o desenvolvimento da teoria e o exame dos dados devem se processar paralelamente, já que qualquer tentativa de compilação dos dados já envolve alguma teorização. O autor critica o fato de, costumeiramente, o pesquisador escolher primeiro uma teoria fazendo-a se adequar à descrição dos dados, pois nem sempre os resultados são condizentes com a teoria adotada. Para o trabalho de descrição, segundo Perini (2008), deve-se primeiro compreender suficientemente os fenômenos estudados antes de formalizar teorias.

Sumarizando e completando o que foi exposto: o interesse em postular uma gramática descritiva do português fez com que Perini (2008) hoje, professor voluntário da Universidade Federal de Minas Gerais, atuante na subárea de Teoria e Análise Linguística, com concentração em português brasileiro falado, alcançasse um *status* elevado nos estudos linguísticos atuais, cujas obras servem de subsídios para várias pesquisas. É notório que seus conceitos melhor abarcam os fenômenos linguísticos do que aqueles utilizados pela Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), como ele mesmo pontua em suas obras. Contudo, o que se deve levar em

conta é o “cultivo de uma linguística descritiva, assessorada por uma metodologia adequada de obtenção de dados e caracterizada por uma extrema e um alto grau de exigência na elaboração de teorias” (PERINI, 2008, p. 40). O que se tem visto hoje, é que “faltam dados, sistematicamente descritos, que deem apoio às análises e teorias”, isto é, há muita teoria e falta descrição.

No que diz respeito à Gramática Sistêmico-Funcional (doravante GSF), vale mencionar que o seu surgimento está intimamente ligado aos estudos realizados pelo antropólogo Bronislaw Malinowski [1884-1932] no início do século XX. Para ele, a meta principal para um perfeito entendimento do uso adequado da linguagem está na compreensão da íntima relação desta com a cultura de um povo. Malinowski (1944) considera que a língua é um instrumento para comunicar a realidade física e cultural do povo que a criou e a usa. Sendo assim, o contexto se apresenta, neste caso, como de extrema relevância para a compreensão de expressões verbais, já que a linguagem se encontra profundamente enraizada na realidade cultural.

Essas ideias influenciaram o linguista John Rupert Firth [1890 – 1960], e este deu início às primeiras sistematizações dessa perspectiva teórica da linguagem que, posteriormente, foi desenvolvida em 1960 por seu aluno M. A. K. Halliday [1925], linguista britânico que utilizou “uma abordagem de análise gramatical denominada **Gramática de Estala e Categorias**” (FUZER; SCOTTA CABRAL, 2014, p. 17). Em 1985, essa abordagem teórica foi sistematizada na obra **An Introduction to Functional Grammar**, revisada por Halliday em 1994, ampliada em 2004, com a colaboração de Christian M. I. O. Matthiessen e, posteriormente, em 2014, também nessa mesma parceria. Desde então, a LSF tem sido desenvolvida e enriquecida por vários estudos e pesquisas em diferentes perspectivas de análises. Segundo Fuzer e Scotta Cabral (2014):

[...] Essas teorias de análise dos discursos partem, de uma forma ou de outra, das categorias sistematizadas por Halliday em sua Gramática Sistêmico-Funcional. O conhecimento de tais categorias facilita sobremaneira a compreensão e aplicação de tais teorias na análise, leitura e produção de textos dos mais diversos tipos. Após a contextualização da teoria, uma questão epistêmica que colocamos refere-se aos termos “sistêmico e “funcional”, que caracterizam essa abordagem. Ela é *sistêmica* porque vê a língua como redes de sistemas linguísticos interligados, dos quais nos servimos para construir significados, fazer coisas no mundo. Cada sistema é um conjunto de alternativas possíveis que podem ser semânticas, léxico-gramaticais ou fonológicas e grafológicas. É funcional porque explica

as estruturas gramaticais em relação ao significado, às funções que a linguagem desempenha em textos. A teoria sistêmico-funcional busca identificar as estruturas de linguagem específica que contribuem para o significado de um texto (FUZER; SCOTTA CABRAL, 2014, p. 19).

Para Halliday (1994), a língua é um sistema semiótico moldado e determinado pelo uso; é um potencial de significados que são representados por atos de fala e, por conseguinte, se desenvolve e se modifica para satisfazer as necessidades humanas. Segundo o pesquisador, foram os usos linguísticos que, ao longo de milhares de gerações, deram forma a esse sistema.

Preocupar-se em realizar análises sob o enfoque sistêmico-funcional significa considerar os diferentes usos que se faz da linguagem em seus variados níveis ou estratos, bem como compreender os significados que cada estrutura gramatical possui de acordo com o contexto. Quer isto dizer, que para cada situação vivenciada pelo falante, há uma gama de escolhas lexicais que este realiza na tentativa de ajustar-se aos propósitos comunicativos. A GSF, neste caso, fornece categorias que facilitam sobremaneira a compreensão do significado de um texto.

Considerando o fato de que a linguagem se materializa no texto e que possui funções específicas dependendo do uso que se faz dela, pode-se inferir que qualquer uso linguístico está sempre envolvido por um determinado contexto: seja um contexto de situação (microcontexto) ou de cultura (macrocontexto). Isto porque as variáveis contextuais estão intrinsecamente relacionadas às funções que a linguagem desempenha. Daí o nome “metafunções” empregado por Halliday (1994).

Existem três metafunções da linguagem, segundo Halliday e Mathiessen (2014): a metafunção ideacional, constituída por dois componentes distintos: lógico e experiencial, o primeiro trata da relação entre as orações, e o último realizado no sistema de Transitividade, é responsável pela representação de mundo (campo), das experiências exteriores e interiores do falante; a metafunção interpessoal, realizada no sistema de Modo, trata das relações entre os indivíduos; e a metafunção textual, realizada no sistema de Estrutura Temática, que possibilita a realização das duas primeiras por meio do texto.

Para fins do presente estudo, convém destacar a metafunção ideacional realizada pelo componente experiencial, que trata da representação das experiências internas e externas por meio da linguagem. Para Halliday e Matthiessen (2014) a unidade central de análise desse componente é a oração, e o sistema que dá conta

dos significados experienciais presentes nesta unidade é o sistema de transitividade. Trata-se de “um sistema de descrição da oração”, referindo-se às relações entre os componentes que formam uma figura, a saber: o processo, os participantes e as eventuais circunstâncias. Segundo Halliday e Matthiessen (2014, p. 176) “a configuração processo + participantes constitui o centro experiencial da oração”.

Na GSF, “os processos representam eventos que constituem experiências, atividades humanas realizadas no mundo; representam aspectos do mundo físico, mental e social,” e são realizados tipicamente por verbos; já a figura “consiste numa sequência de configurações de processos com, pelo menos, um participante inerente e, opcionalmente, circunstâncias” (FUZER; SCOTTA CABRAL, 2014, p. 41, 42). Assim sendo, há três tipos principais de processos segundo Halliday e Matthiessen (2014): os materiais – representam a experiência externa; os mentais – representam a experiência interna; e os relacionais – representam as relações entre entidades diferentes. Há outros processos denominados de secundários, como: os processos comportamentais – representam o comportamento; os processos verbais – representam os dizeres dos participantes; e os processos existenciais – representam a existência de um participante.

Os processos mentais, objeto de análise do presente estudo, representam as experiências do mundo interno, do consciente, por meio de quatro tipos de orações, de acordo com Halliday e Matthiessen (2014): as orações mentais perceptivas – representam as percepções de mundo com base nos cinco sentidos (sentir, perceber, ouvir, ver), as cognitivas – representam algo que é pensado por meio da consciência (pensar, lembrar, achar), as emotivas, também chamadas de afetivas, “expressam graus de afeição” (HALLIDAY; MATTHIESEN, 2014, p. 245), de sentimento (amar, odiar, gostar) e as desiderativas – representam desejo (desejar, esperar, querer). Todas têm como participantes: o “experienciador”, que pode ser humano ou uma entidade inanimada criada pela mente humana (objeto, instituição); e o fenômeno, que se refere ao que é vivenciado, ou seja, a algo “que é sentido, pensado, percebido ou desejado” (FUZER; SCOTTA CABRAL, 2014, p. 55). “O fenômeno, muitas, vezes, não é representado por uma pessoa ou coisa, mas por um ato ou por um fato” (HALLIDAY; MATTHIESEN, 2014, p.245). Isto ocorre pelo fato de que, diferentemente das orações materiais, as orações mentais podem projetar outras orações. É válido destacar que esses mesmos verbos (apresentados acima) podem realizar outros tipos

de processos dependendo da situação, por isso a necessidade de o pesquisador atentar-se para os elementos do contexto que envolvem a oração.

Diante do exposto, pode-se afirmar que há uma relação ideal de simbiose entre a Gramática descritiva de Perini (2008) e a GSF proposta por Halliday. Analisar um *corpus* implica um trabalho laborioso de descrição de dados, os quais estão inseridos em sequências formais dotadas de significados de acordo com as associações que realizam dentro de cada unidade linguística. Sendo assim, propor uma análise descritiva sob a ótica da LSF e da Linguística de *Corpus* (doravante LC) implica compreender que qualquer uso linguístico que se constitua em um *corpus* pode representar aspectos léxico-gramaticais e semânticos variados de acordo com o contexto em que está inserido.

Em relação à LC, importa mencionar que esta surgiu da necessidade de se realizar pesquisas com um grande número de dados, o que se tornou possível com o advento do computador. Não se trata de uma teoria, mas de uma nova abordagem de “exploração da linguagem por meio de evidências empíricas extraídas por computador” (SARDINHA, 2004, p. 3). Nas palavras de Berber Sardinha (2004, p. 3): “ocupa-se da coleta e da exploração de corpora, ou conjuntos de dados linguísticos textuais coletados criteriosamente, com o propósito de servirem para a pesquisa de uma língua ou variedade linguística”.

Vale lembrar que antes do computador, já se fazia o uso de *corpus*, como por exemplo, o Corpus Helenístico criado na Grécia Antiga e os corpora de citações da Bíblia produzidos na Antiguidade e na Idade Média. Nessa época, os dados eram coletados, armazenados e analisados manualmente. Apesar das dificuldades, os estudos baseados em corpora não pararam. No final dos anos de 1950 com a publicação de **Syntactic Structures** de Chomsky, houve uma mudança de “paradigma na linguística: saía de cena o empirismo e a sustentação dos trabalhos baseados em corpora, tomando lugar central as teorias racionalistas da linguagem, notadamente a linguística gerativa” (SARDINHA, 2004, p. 4). Desse período ganham destaque os estudos de Firth (1957) e o *corpus* SEU (Survey of English Usage), compilado e etiquetado manualmente em 1959.

Com o advento do computador nos anos de 1960 e a queda de prestígio das pesquisas puramente racionalistas, novos *corpora* são compilados, dentre os principais estão: Brown, Birmingham e BNC. Segundo Berber Sardinha (2004), o

corpus Brown é o pioneiro dos corpora eletrônicos por ter nascido em um período ainda desfavorável para os estudos empiristas e, também, pela dificuldade de compilação em computadores mainframe; “é um ponto de referência inevitável em qualquer retrospectiva sobre a LC em nível mundial” (NOVODVORSKI; FINATTO, 2014, p. 7).

A popularização dos estudos com corpora ocorreu nos anos de 1980 com o aparecimento dos computadores pessoais. Desde então, a LC tem trazido grandes contribuições para os estudos linguísticos em diferentes áreas. No Brasil, o seu aparecimento se deu com a publicação do livro **Linguística de Corpus** em 2004, de Tony Berber Sardinha, maior expoente da LC no Brasil, hoje professor associado do Departamento de Linguística e do Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

Fato a ser considerado é que a LC contemporânea, segundo Berber Sardinha (2004), caracteriza-se como uma abordagem empirista de exploração da linguagem, que é vista como sistema probabilístico por não se apresentar de forma aleatória. Isto significa dizer que os traços linguísticos não ocorrem com a mesma frequência, uma vez que as regularidades (padrões) estão associadas às características linguísticas e contextuais. Por isso é comum dizer que a linguagem é padronizada, ou seja, há uma regularidade expressa na recorrência sistemática de unidades coocorrentes de várias ordens: lexical, gramatical, semântica, dentre outras. Nas palavras de Berber Sardinha (2004):

A padronização se evidencia pela recorrência, isto é, uma colocação, coligação ou estrutura que se repete significativamente e mostra sinais de ser, na verdade, um padrão lexical ou léxico-gramatical (SARDINHA, 2004, p. 31).

Por fim, a LC é uma área que vem ganhando cada vez mais destaque nas análises linguísticas nos seus mais diversos ramos, principalmente nas áreas da Linguística Aplicada como: Ensino de Línguas, Tradução, Análise do Discurso e Lexicografia. Dentre os vários software existentes que auxiliam o linguista de *corpus*, ganha destaque o *WordSmith Tools*, software de referência nos estudos linguísticos, particularmente os lexicais, cujas principais ferramentas são: “WordList, Concord e

KeyWords” (SARDINHA, 2009). Tais ferramentas serão utilizadas nesse estudo, o que propicia uma análise mais vigorosa e precisa dos processos.

Diante dessas considerações, pode-se afirmar que há uma íntima relação entre a Gramática descritiva, a GSF e a LC. Apesar de Halliday e Perini não se denominarem linguistas de *corpus*, as suas visões de linguagem se encaixam perfeitamente nos preceitos da LC e servem como arcabouço teórico para qualquer trabalho que se dedica à análise de corpora. Sendo assim, propor uma análise descritiva dos processos mentais sob a ótica da LSF e da LC significa dar um tratamento adequado ao trabalho de descrição e teorização dos dados. Afinal, apresentar os traços linguísticos e semânticos dos itens em questão de nada vale se divorciados de uma adequação empírica.

Procedimentos metodológicos

Para a seleção, descrição e análise dos dados foram adotados os seguintes procedimentos: 1) inicialmente, realizou-se a busca do *corpus* na Internet por meio do Google e, após encontrado, converteu-se o arquivo para TXT, formato adequado para o WordSmith Tools; 2) em seguida, fez-se a limpeza do *corpus*, retirando os elementos indesejáveis; 3) utilizando a ferramenta WordList, conseguiu-se um *corpus* com as seguintes características: tokens (itens)- 197.234, types (formas)- 19.171 e type/token ratio (razão forma/item) – 9,76; 4) logo após, realizou-se a seleção dos dados por meio da lista de frequência (WordList- frequency), verificando quais processos eram mais recorrentes: observou-se que os processos verbais e mentais apareciam com um grande número de ocorrências, sendo assim, optou-se por realizar a análise somente dos processos mentais mais recorrentes, uma vez que melhor evidenciam as experiências vivenciadas pelo autor, ora narrador, no sertão mineiro; 5) posteriormente, fez-se a lematização de cada processo para que se pudesse abarcar todas as construções possíveis, o que foi imprescindível para se chegar a um número significativo de ocorrências: **Ver**- processo mental perceptivo (680 freq.), **Querer** – processo mental desiderativo (617 freq.), **Saber** – processo mental cognitivo (534 freq.), **Gostar** – processo mental emotivo (227 freq.). Neste ponto é importante destacar que nem todas as construções do verbo “Gostar” foram computadas, uma vez que a palavra “gosto” em muitas ocorrências não possuía a função de verbo, mas de substantivo, como por exemplo: “Como foi que achei **gosto** naquela comida” (linha

2 – concordance), “Aos poucos, essa raiva minou num gosto concedido” (linha 33 – concordance), assim como estas, outras também foram precavidamente descartadas; 6) em seguida, realizou-se a leitura de cada enunciado dos processos selecionados por meio da ferramenta Concord, buscando apenas duas construções de cada, ou seja, aquelas que pudessem melhor representar as experiências internas essenciais para a compreensão da obra. Seria interessante analisar todas as diáteses⁴ que constituem a valência de cada verbo, mas por se tratar de um trabalho de pequena extensão e para que se pudesse realizar uma análise mais precisa e contundente dos processos em questão foi necessária tal seleção; 7) por fim, procedeu-se à descrição e análise dos dados, e com o propósito de apresentar um estudo mais preciso e coerente dessas unidades buscou-se, ainda, analisar as circunstâncias e os participantes envolvidos, conforme mostra o quadro a seguir:

GOSTAR: 227,012 (freq.)

Participante	Processo	Participante
Meu corpo	Gostava	De Diadorim
Experienciador	Processo Mental emotivo	Fenômeno

Quadro 4: linha 15 do corpus (concordance)

Acredita-se que esse formato de descrição⁵ dos dados favorece não só a identificação de cada processo e de seus participantes, como também a visualização das relações semânticas entre cada unidade, o que facilita a compreensão do sentido de cada oração, sempre levando em consideração o contexto em que está inserida.

Análise dos Processos Mentais do *Corpus*

Nesta seção serão apresentados os dados hauridos do *corpus* em quadros para fins de sistematização e análise. São oito orações dispostas de acordo com o número de ocorrências de cada processo (começa-se pelo mais frequente), ou seja, serão apresentadas duas construções (diáteses) de cada processo mental mais

⁴ São as possíveis construções de um verbo, e o conjunto de todas as diáteses constitui a valência desse verbo (PERINI, 2008).

⁵ Para a elaboração dos quadros (aplicados para a descrição e análise dos dados) utilizou-se como referência os exemplos de análise empregados por Halliday e Matthiessen (2014) que foram adaptados para o português por Fuzer e Scotta Cabral (2014).

recorrente no *corpus*, conforme já mencionado e criteriosamente detalhado na seção anterior. Sendo assim, será exibida uma análise léxico-gramatical e semântica da cada oração a partir do construto teórico da GSF proposta por Halliday e Matthiessen (2014).

VER: 680 (freq.)

Participante	Processo	Participante
Eu	Vi	o mundo fantasma
Experienciador	Processo Mental perceptivo	Fenômeno

Quadro 1: linha 76 do *corpus* (concordance)

Circunstância	Participante	Processo	Participante
Em cinco léguas,	[Eu]	Vi	o barro secar
	Experienciador	Processo Mental perceptivo	Fenômeno

Quadro 2: linha 172

QUERER: 617 (freq.)

Participante	Processo	Participante
Eu	Queria	que ele gostasse de mim
Experienciador	Processo Mental desiderativo	Oração projetada

Quadro 3: linha 230

Participante	Processo	Participante
Diadorim	Queria	sangues fora de veias
Experienciador	Processo Mental desiderativo	Fenômeno

Quadro 4: linha 83

SABER: 584 (freq.)

Participante	Processo	Participante	
Você	Sabe	do seu destino,	Riobaldo?
Experienciador	Processo Mental cognitivo	Fenômeno	Experienciador

Quadro 5: linha 465

Participante		Processo	Participante
Eu	não	Sabia	pensar com poder
Experienciador	elem. interpessoal	Processo Mental cognitivo	Fenômeno

Quadro 6: linha 253**GOSTAR: 227 (freq.)**

Participante	Processo	Participante
Meu corpo	Gostava	De Diadorim
Experienciador	Processo Mental emotivo	Fenômeno

Quadro 7: linha 15 do corpus (concordance)

Participante	Processo	Participante	Circunstância
Eu	Gostava	dele	na alma dos olhos
Experienciador	Processo Mental emotivo	Fenômeno	

Quadro 8: linha 153

Para que se possa, de fato, compreender esses itens em seus aspectos léxico-gramatical e semântico, importa mencionar o contexto em que estão inseridos. No que tange ao *corpus* da pesquisa vale salientar que **Grande Sertão: Veredas** é um romance regionalista pertencente a terceira geração modernista, publicado em

1956 por João Guimarães Rosa, mineiro, nascido em Cordisburgo em 27 de junho de 1908, considerado um dos escritores de maior expressividade na literatura brasileira. Único livro brasileiro a integrar a lista dos cem melhores de todos os tempos do Clube do Livro de Noruega, dedicado à sua segunda esposa Aracy de Carvalho Guimarães Rosa, **Grande Sertão: Veredas**, alavancou definitivamente a trajetória artística de Guimarães, fazendo-o alcançar um status privilegiado não só na literatura regional, mas na literatura nacional e, até mesmo, internacional.

Com efeito, através dessa obra Guimarães recebeu vários prêmios: o Prêmio Machado de Assis, do Instituto Nacional do Livro, em 1961; o Prêmio Carmem Dolores Barbosa, de São Paulo, em 1957; e o Prêmio Paula Brito, do Rio de Janeiro. Além desses prêmios, Guimarães encabeçou a lista tríplice, composta por Clarice Lispector e João Cabral de Melo Neto, como os melhores escritores da terceira geração modernista brasileira. Como era de se esperar, em 1963, foi eleito para Academia Brasileira de Letras, assumindo em 1967, ano de sua morte (faleceu três dias depois da posse no Rio de Janeiro; laudo médico - infarto).

Fato a ser considerado é que a produção de **Grande Sertão: Veredas** está profundamente arraigada à situação econômica, política e social da época em que Guimarães viveu em Minas. Na década de 1920, a região era dominada pelos poderosos coronéis, que seguia uma política de proteção aos seus interesses, menosprezando, de forma agressiva e violenta, o humilde trabalhador rural. A implantação do sistema coronelista se deu por várias razões: a precariedade da região imposta por um espaço sertanejo, a baixa produtividade agrária e o isolamento frente ao progresso dos estados que já haviam conquistado uma condição mais cosmopolita e centralizadora.

A supremacia dos coronéis era mantida pelo seu poder econômico, obtido geralmente por meio da posse da terra, e pelo seu poder social, que dava a estes a posse sobre o ser humano. Esse grupo “dominante”, além de possuir a propriedade da terra que era o principal meio de sobrevivência, mantinha em seu poder os trabalhadores e os instrumentos de trabalho. É esse quadro de interesses e conflitos que o escritor deixa transparecer em sua narrativa: a vida miserável do sertanejo e a sua luta pela sobrevivência, a exploração do trabalhador rural pelos coronéis e a impotência do ser humano diante da força opressora da natureza, consequência do primitivismo agreste do sertão rústico e isolado.

Percebe-se que a representação do espaço e das personagens não é puramente ficcional, antes o autor faz uso da ficção para revelar a realidade do sertão mineiro, a rusticidade e a precariedade da região, bem como a subjugação do pobre, do camponês. Portanto, pode-se afirmar que esta obra é fruto das experiências pessoais e sociais de Guimarães. A sua convivência com o homem do campo instituiu-lhe uma preocupação singular, que o levou a produzir uma literatura de valorização (das peculiaridades regionais) e de protesto com merecida consagração. Suas histórias, narradas por Riobaldo, apresentam enredos memoráveis e personagens surpreendentes que fazem parte não apenas de um universo ficcional, mas de uma realidade histórica, política e social de um povo.

Os recortes apresentados revelam as emoções e os sentimentos vivenciados pelo autor na figura de Riobaldo, narrador em primeira pessoa e também personagem protagonista da história. Riobaldo narra a sua vida de jagunço a um doutor, demonstrando seus medos, anseios, desejos, reflexões e angústias sobre o seu passado difícil e perigoso no sertão mineiro. Percebe-se que o autor, ao tecer sua narrativa considerada por ele como “autobiografia irracional”, utiliza uma linguagem inovadora, por vezes simples e rústica, por vezes culta e poética, perfazendo escolhas lexicais que denotam intenções pessoais. Quer isto dizer que a presença dos processos mentais no romance não ocorreu por acaso. Guimarães criou o personagem Riobaldo para, através dele, expor suas experiências vivenciadas no sertão mineiro e suas reflexões como ser humano, como mostra os excertos acima.

Através desses processos é possível notar que Riobaldo sofre com situações que ocorreram no passado e que ainda fazem parte de seu presente, causando-lhe inquietações e tormento à sua vida. Tais sentimentos expressos por esses itens lexicais revelam o seu perfil psicológico: homem atormentado com várias dúvidas e incertezas sobre a existência ou não do Demônio; a relação entre o Bem e o Mal; o sentimento que experimentou por Diadorim; o sentido de sua vida como jagunço; a busca de uma explicação para a condição humana.

O primeiro e maior drama vivido por Riobaldo foi o medo, a incerteza sobre a existência ou não do diabo, o que pode ser notado no quadro 1 – “Eu vi o mundo fantasma”. Esse medo está ligado a um pacto que o narrador fizera no passado para acabar com o bando de Hermógenes.

Em se tratando do sentimento que Riobaldo experimentou por Diadorim (mulher guerreira, filha de Joca Ramiro que se faz passar por homem para vingar a morte de seu pai, retratada no quadro 4 – “Diadorim queria sangue fora de veias”) pode-se afirmar que este foi o seu segundo drama: por não saber que Diadorim era uma mulher, Riobaldo sentia-se culpado e, ao mesmo tempo, envergonhado, por ter se apaixonado por “um homem”, como pode-se perceber nos quadros 3, 7 e 8 – “Eu queria que ele gostasse de mim”; “Meu corpo gostava de Diadorim”; “Eu gostava dele na alma dos olhos”.

Além disso, é possível perceber, ainda, a sua inquietude sobre a sua vida de jagunço e a sua condição como ser humano, como se pode observar nos quadros 5 e 6: “Você sabe do seu destino, Riobaldo?; “Eu não sabia pensar com poder”. Tais orações revelam as incertezas de Riobaldo sobre o seu futuro. No decorrer da narrativa, ele transforma-se em um homem pensativo e reflexivo ao resgatar na memória todos os acontecimentos do passado.

Considerando o espaço como um elemento significativo na construção de uma narrativa, nota-se que Guimarães deu prioridade a esse componente. O espaço é construído em consonância com o desenvolvimento do enredo e com as ações das personagens, ou seja, é ele que desencadeia os fatos e influencia nas atitudes e no comportamento das personagens no decorrer da história. Isto significa dizer que além das características humanas apresentadas, Guimarães Rosa fornece-nos uma nítida visão do espaço sertanejo, a rusticidade e a precariedade da região, “pintando” verdadeiras paisagens do sertão mineiro, em pleno isolamento no início do século XX, como se pode ver no quadro 2 – “Em cinco léguas, eu vi o barro secar”.

Não obstante, para bem configurar o seu enfoque regionalista, o escritor não só elege o sertão mineiro como cenário de suas narrativas, como também o coloca em uma posição de destaque: como título do livro, caracterizando-o como “Grande Sertão: Veredas”, que significa “campos extensos e desabitados”. Disso decorre que a intenção em escrever um romance regionalista não se reduz simplesmente em ressaltar as peculiaridades do sertão mineiro ou de preservar os costumes, as tradições e as manifestações linguísticas de um povo, mas também de mostrar os problemas políticos e sociais da região sob a forma de denúncia social como meio de ação para a transformação.

Enfim, toda essa descrição e análise objetiva mostrar que para que se possa compreender, de fato, qualquer texto, é preciso estabelecer relações entre os aspectos léxico-gramaticais e semânticos dos itens, levando sempre em consideração o contexto em que estão inseridos. Foi exatamente observando tais fatores que se conseguiu uma análise coerente, capaz de revelar não só características (linguísticas e literárias) marcantes em Grande Sertão: Veredas, como também traços peculiares desse admirável escritor, João Guimarães Rosa, magnífico como ser humano e, sobretudo, como profissional.

Sumarizando e completando o exposto acima, é pertinente salientar que todas essas informações apresentadas, pautadas em estudiosos, convergem para quatro pontos: um de caráter relevante e indissolúvel, que diz respeito à íntima relação entre a GSF, a LC e os estudos descritivos de Perini (2008); outro de caráter apenas elucidativo, que diz respeito à intrínseca relação existente entre história, política e literatura; outro de natureza fundamental e eminente, que se refere aos aspectos léxico-gramaticais e semânticos dos itens analisados, os quais revelam características marcantes do *corpus* antes não observados; o último de natureza substancial – o grande valor literário e, particularmente linguístico de Grande Sertão: Veredas, e o perfil humano e profissional desse admirável escritor, Guimarães Rosa, constituído por uma personalidade única, inestimável e de um talento surpreendente que soube, com simplicidade e maestria, produzir uma obra vultosa, razão por que alcançou tão exuberante reconhecimento como um dos mais importantes escritores da literatura brasileira.

Considerações finais

Propôs-se neste estudo realizar uma análise léxico-gramatical e semântica de alguns processos mentais presentes na obra **Grande Sertão: Veredas** de Guimarães Rosa, considerando as relações estabelecidas entre o LSF e LC. Para tal, aplicaram-se as ferramentas do *WordSmith Tools* para a seleção, descrição e análise dos itens em questão, o que propiciou um estudo mais completo do *corpus*: além desses processos, foi possível ainda identificar os participantes e as circunstâncias.

Este trabalho procurou apresentar uma pequena demonstração da grande contribuição que a LC tem trazido para análises linguísticas com *corpus* literário. Através desse poderoso instrumento de pesquisa foi possível verificar alguns dos

processos mais recorrentes no *corpus*, o número de ocorrências de cada um deles, bem como os participantes e as circunstâncias. Para fins do presente estudo, optou por analisar apenas os processos mentais, uma vez que representam experiências significativas para a compreensão da obra. Fato a ser considerado é que os itens analisados concorrem para plasmar não só o perfil psicológico do sertanejo, mas também a sua cultura e identidade como um ser social. Isso revela não só a exuberante estratégia de Guimarães em associar os aspectos linguísticos à cultura do homem do campo para compor sua literatura, como também a importância da GSF para a compreensão dos usos linguísticos e suas funcionalidades dentro do contexto em que estão inseridos.

Estabelecendo as relações entre os aspectos léxico-gramaticais e semânticos dos itens analisados, foi possível observar características marcantes da obra, o que propiciou uma compreensão mais contundente do texto. Pôde-se constatar que a realidade social que permeia a obra não é fruto do acaso e, sim, o resultado intelectual de uma experiência apoiada na vida real. As histórias, narradas por Riobaldo, apresentam fatos memoráveis e personagens surpreendentes que fazem parte não apenas de um universo ficcional, mas de uma realidade histórica, política e social de um povo.

No entanto, o que se pode concluir das considerações feitas até o momento é que Guimarães Rosa construiu não só um enredo de extremo valor literário, mas uma bela obra de arte, de extremo valor linguístico, razão pela qual possui até os dias de hoje um status singular na literatura brasileira. Trata-se de um trabalho intencional criado a partir de dados do mundo real, matizado por meio dos recursos próprios da literatura e modulado por meio dos artifícios da linguagem. Não por acaso a abordagem funcionalista combinada com a LC tem se mostrado uma ferramenta poderosa na visualização dos eventos linguísticos do texto.

Portanto, propor uma análise descritiva dos processos mentais sob a ótica da LSF e da LC significa dar um tratamento adequado ao trabalho de descrição e teorização dos dados, e escolher Grande Sertão: Veredas como *corpus* de análise significa considerar os elementos linguísticos como parte preponderante da história e da cultura de um povo. Afinal, a língua é uma ferramenta fundamental para a existência da cultura, sem ela não há comunicação entre os membros do grupo e, por

consequente, não há transmissão dos valores que sustentam e subjazem uma sociedade.

Referências

FUZER, C.; SCOTTA CABRAL, S. R. **Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa**. 1. ed. Campinas – SP: Mercado de Letras, 2014.

HALLIDAY, M. A. K. **Introduction to functional Grammar**. 2. ed. London: Edward Arnold, 1994.

HALLIDAY, M. A. K; MATTHIESSEN, C. M. I. M. **Introduction to functional Grammar**. 4. ed. University of Birmingham: UK, 2014

MALINOWSKI, B. **A scientific theory of culture: and other essays**. The University of North Carolina Press: Chapel Hill, 1944.

NOVODVORKI, A.; FINATTO, M. J. B. **Linguística de Corpus no Brasil: uma aventura mais do que adequada**. *Letras & Letras*, Uberlândia: v. 30, n. 2, p. 7-16, jul/dez. 2014.

PERINI, M. A. **Estudos de gramática descritiva: as valências verbais**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

ROSA, J. G. **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994. Disponível em: <http://stoa.usp.br/carloshqn/files/1/20292/GrandeSertoVeredasGuimaresRosa.pdf>. Acesso em: 10 out. 2015.

SARDINHA, T. B. **Linguística de Corpus**. São Paulo – Barueri: Manole, 2004.

_____. **Pesquisa em Linguística de Corpus com WordSmith Tools**. São Paulo – Campinas: Mercado de Letras, 2009.

SCOTT, M. **WordSmith Tools, version 6.0**. Liverpool: Lexical Analysis Software, 2012.

Recebido em 03 de junho de 2017
Aprovado em 20 de novembro de 2017